

1902

LINHAGENS DE SARS-COV-2 CIRCULANTES NO HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE ENTRE MARÇO DE 2020 E MAIO DE 2021

CATEGORIA DO TRABALHO: PESQUISA

Priscila Lamb Wink, Fabiana Caroline Zempulski Volpato, Francielle Liz Monteiro, Clevia Rosset, Julia Biz Willig, Fernanda de Paris, Andreza Francisco Martins, Afonso Luis Barth

HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

A pandemia do novo coronavírus(SARS-CoV-2) tornou-se uma emergência de saúde pública de interesse internacional. O agente causador da COVID-19 se adapta e evolui rapidamente e múltiplas variantes têm surgido desde o início da pandemia. O objetivo deste estudo foi descrever as variantes de SARS-CoV-2 circulantes no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, centro de referência da COVID-19 no Rio Grande do Sul (RS), no período de março de 2020 a maio de 2021. Um total de 200 amostras de naso/orofaringe, positivas para SARS-CoV-2 pela técnica de RT-qPCR, foram submetidas ao sequenciamento de genoma completo por sequenciamento de nova geração (NGS). O RNA foi extraído utilizando o kit QIAamp Viral RNA MinElute Spin kit (Qiagen) e transcrito em cDNA por transcrição reversa. As bibliotecas genômicas foram preparadas utilizando o painel de amplificação CleanPlex SARS-CoV-2 e sequenciadas no equipamento Illumina MiSeq. Foram obtidas 200 sequências de alta qualidade (cobertura >500; <3% Ns, >29.8 Kb). Entre as 74 amostras de 2020, as variantes B.1.1.28 (n = 25) e B.1.1.161 (n = 25) foram as mais predominantes, seguidas de B.1.1 (n = 6), B.1.1.33 (n = 4), B.1.91 (n = 4), P.2 (n = 3), B.1.1.409 (n = 2), B.1 (n = 1), B.1.1.462 (n = 1), B.1.1.370 (n = 1), B.1.1.12 (n = 1) e P.1 (n = 1). Entre as 126 amostras de 2021, 97 foram identificadas como variantes P.1, 12 como P.2, seis como P.1.2, seis como B.1.1.28, duas como P.1.1, uma como B.1.1.161, uma como B.1.575 e uma como C.37. Nossos dados demonstram que houve uma substituição das linhagens circulantes em 2020 pela nova variante P.1 (Gamma), que se tornou a variante atualmente mais prevalente no HCPA, sendo associada à segunda onda da COVID-19 em algumas regiões do Brasil e do mundo. Embora não se saiba se novas variantes descendentes de P.1, como a P.1.2 e P.1.1 descritas neste estudo, estão associadas a uma maior transmissibilidade e/ou diminuição imunológica, a detecção dessas variantes em diferentes regiões geográficas requer atenção e uma investigação mais aprofundada. Além disso, a variante C.37 (Lambda), considerada uma variante de interesse (VOI) pela Organização Mundial da Saúde, tem sido associada a altas taxas de transmissibilidade e sua possível disseminação no sul do Brasil é preocupante. A vigilância genômica é fundamental para identificar e entender o padrão de circulação das linhagens de SARS-CoV-2 durante a pandemia da COVID-19.

2039

SINTOMAS PSÍQUICOS E QUALIDADE DE VIDA DE FAMILIARES DE PACIENTES INTERNADOS EM CENTRO DE TRATAMENTO INTENSIVO TRÊS MESES APÓS A ALTA

CATEGORIA DO TRABALHO: PESQUISA

Diogo da Rosa Viana, Luísa Brehm Santana, Cristhiane de Souza Silveira, Karina de Oliveira Azzolin

HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Introdução: A recuperação após internação no Centro de Tratamento Intensivo (CTI) submete os familiares a elevada carga de estresse e sofrimento, aumentando o risco de danos psicológicos, como ansiedade e depressão, e redução da qualidade de vida. **Objetivo:** Comparar sintomas de ansiedade, depressão, estresse pós-traumático e qualidade de vida de familiares de pacientes sobreviventes e não sobreviventes três meses após alta de um CTI. **Método:** Estudo transversal realizado no CTI do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Coleta de dados por telefone três meses após a alta dos pacientes, de agosto a outubro de 2019, com aplicação dos instrumentos Hospital Anxiety and Depression Scale (HADS) para avaliar sintomas psíquicos, Impact of Event Scale-6 (IES-6) para estresse pós-traumático e EQ-5D-3L para qualidade de vida. CEP nº 2984429. **Resultados:** Amostra constituída por 47 familiares, 40 (85,1%) eram do sexo feminino e a média de idade foi 51,49±13,09 anos. 29 (61,7%) eram casados e os graus de parentesco predominantes foram cônjuge, 21 (44,7%), e filho(a), 17 (36,2%). 27 (58,7%) residiam com os pacientes e 37 (82,2%) eram responsáveis pelas decisões dos cuidados deles. Quanto a diagnósticos prévios, 12 (27,3%) tinham depressão ou bipolaridade e 11 (25,6%), ansiedade ou pânico. 31 eram familiares de pacientes sobreviventes e 16 de não sobreviventes. Quanto ao